

MIGUEL TORGA

SINFONIA

POEMA DRAMÁTICO
EM QUATRO ACTOS



COIMBRA EDITORA

1947

MIGUEL TORGA

SINFONIA

POEMA DRAMÁTICO
EM QUATRO ACTOS



COIMBRA EDITORA

1947

FIGURAS

O POETA

ANA

PAULO

O PRESO

CAMILA

PROSTITUTA

SENHOR GASPAR

1.º GUARDA

2.º GUARDA

BÊBEDOS

VIZINHA

FIGURANTES

ACTO PRIMEIRO

Numa cela da cadeia. Porta gradeada ao fundo, janela ao lado também gradeada, dois catres. Quando o pano sobe, estão em cena o Poeta e um Preso. O Poeta, em pé, com as mãos nas grades da janela. O outro Preso está sentado na cama.

CENA I

O POETA

Há ali duas pombas num telhado, muito engraçadas! Têm passado toda a manhã num namoro pegado... Ora venha ver, que vale a pena. Ela parece uma mulher! Cata o pombo, arrulha, e quando ele quer arrebitar a orelha, foge. Mas não vai para longe... Dá duas voltas no ar e pousa. — Lá vem ela, outra vez...

O PRESO (*com enfado*)

Deixe lá as pombas em paz! Isso já mete nojo nas pessoas, quanto mais nos bichos!

O POETA

Ah, mas é muito bonito ver que na Natureza as coisas fundamentais têm sempre a mesma expressão... Então não será curioso verificar que uma estrela do céu e uma estrela do mar têm o mesmo desenho e a mesma beleza? — Oh, oh! Aquilo é que ela tem uma saia! O pombo adormeceu, aborrecido com a brincadeira; e ela está-lhe a dar bicadas, a acordá-lo... Feminina...

O PRESO

Ó homem, já lhe disse! Importa-me lá saber dos pombos! Tenho mais em que pensar. Uma pessoa aqui enterrada, entre quatro paredes, e com tanto que fazer lá fora...

O POETA (*voltando-se*)

O senhor tem negócios?

(Aproxima-se do companheiro. É um homem velho, com um rosto vincado, mas

com uma bela presença, cheia de simpatia humana e de força espiritual).

O PRESO (*irritado*)

Tenho agora negócios! O senhor parece parvo! Então só quem tem negócios é que perde tempo?

O POETA

Eu acho que sim.

O PRESO

Essa é de truz! Se calhar, o senhor não perdeu tempo desde que aqui está?

O POETA

Não perdi nada. Perde o tempo quem o não pode prender a nenhuma obra. Quem negoceia em sola, por exemplo. Comprou por cinco, vendeu por dez, e o que é que ficou da transacção? O que é preciso é dar conteúdo a cada momento. Enchê-lo duma duração que nunca acabe. Impossibilitar a ideia de passado, tornando cada hora numa presença imperecível...

O PRESO (*irónico*)

Isso é complicado!

O POETA (*com obstinação*)

Eu cá por mim, só sinto que perco o tempo quando me afastei da minha obra. Mas quando pensei nela ou quando não fiz nada *contra* ela, já não há desgraça que me aflija. Esta noite, por exemplo, compus um poema enquanto o senhor dormia... De forma que não perdi tempo nenhum... O tempo, agora, é poesia...

O PRESO (*com espanto*)

Ah! o senhor é poeta?! Eu a pensar que tinha aqui um camarada, e sai-me um lírico! Isto é que eu tenho uma sorte! E porque é que o prenderam, se não sou indiscreto?

O POETA

Foi por causa duns versos que escrevi e que andei a distribuir...

O PRESO

E que é que diziam os versos? — Isto anda tudo doido, não há dúvida...

O POETA

Muitas coisas...

O PRESO

Mas falavam na revolução?

O POETA

Davam-lhe as mesmas voltas...

O PRESO (*mais conciliante*)

A coisa não vai com versos...

O POETA

Sem versos é que ela não vai. A beleza é precisa em tudo... A vida não dispensa as flores! Sempre há-de haver um poema a circular por entre as barricadas.

O PRESO

Depende dos versos...

O POETA

Desde que sejam bons, são sempre uma força...

O PRESO

Então os que fez esta noite foi àquilo de ontem?

O POETA

Não. É uma tentativa nova, com um sentido mais amplo. É um livro que eu quero fazer, em que estas inquietações todas sejam dadas com grandeza e com força.

O PRESO (*interessado*)

E como se chama o livro?

O POETA

SINFONIA! Tive a ideia de repente, ontem, quando me prenderam. Vinha o polícia comigo, pela rua fora, e eu a magicar na coisa. Aquela multidão a fervilhar, uns a berrar, outros a rir, outros a correr, e uma realidade a englobá-los todos num ritmo maravilhoso de vida e de poesia. — Não há dúvida, era uma sinfonia perfeita.

O PRESO (*desiludido*)

Sinfonia ! Estou mesmo a ver... A eterna música, a costumada evasão. Sinfonia ! O que nós precisamos é de coisas concretas, que se entendam, que tenham uma acção immediata e palpável.

O POETA

Não é evasão nenhuma ; pelo contrário, é a expressão conjunta dum destino comum. Mil vozes a cantar o mesmo hino !

O PRESO

Suponhamos. E então pode-se ouvir a maravilha ?

O POETA

Pode. Chama-se *Prelúdio*. É só uma invocação...

O PRESO (*sarcásticamente*)

Faço ideia. Os primeiros acordes... A afinação...

O POETA (*como se não tivesse ouvido
a condenação prévia*)

Exactamente. Quer ver?

(*Com grande emoção, recita*)

PRELÚDIO

*Música breve, Poesia
Que és tempo de eternidade:
Chamo por ti, de saudade,
Na dureza deste chão;
Na tristeza que me invade,
Quero a tua inspiração.*

*Desce ao teu corpo de barro,
À tua morada humana;
E beija a folha de cana
Que ao longe me dá sinal
Se o meu desejo me engana
Quando te vê, natural.*

*Mais loira das nove irmãs,
Foi o teu véu que escolhi;
Oito donzelas ali
De quem tirei o sentido
Só porque logo te vi
Nua, a cantar-me no ouvido.*

*Vem, submissa, a teu amo
— Cigarra que a vida aquece,
E, possessa, no seu ramo,
Sedenta da tua graça,
Sonha a leiva do teu ventre
Onde a fúria se concentre
E onde o poema se faça! —*

O PRESO (*desapontado e com ar escarninho*)

E é por coisas dessas que o prendem?
O que se tira daí é que eles já não sabem às
quantas andam. Isso faz lá algum mal,
presta lá para nada?! Pataratas!...

O POETA (*confuso*)

Bem, mas é que o senhor está a ouvir
só o princípio.

O PRESO

Oh, meu amigo, pelo andar da carrua-
gem, vê-se logo quem vai dentro! Se fosse
a *Marselhesa*, estava bem. Agora piropos
às Musas!...

O POETA (*ofendido*)

Deixe-me cá guiar o meu barco. Cada qual sabe de si. No fim eu lhe direi...

(Aparece Ana à porta gradeada, acompanhada dum guarda. É uma mulher do povo, simples, aproximadamente da idade do Poeta).

CENA II

O GUARDA

Ó senhor Poeta, tem aqui uma visita!

(O Poeta volta-se, e, quando vê Ana, fica cabisbaixo).

O GUARDA (*afastando-se*)

Só podem falar cinco minutos!

CENA III

ANA (*com tristeza*)

Valha-o Deus!

O POETA (*comprometido*)

Que é que tu queres? Não tenho culpa...

(*Com orgulho*).

Têm medo que incendeie o mundo!

O PRESO (*escarninho*)

Não há dúvida. E têm razão...

ANA

Eu bem lhe disse quando fez aqueles versos. Avisei-o logo de que podia dar mau resultado. Não quis crer, agora aí tem! Não se envergonhar!... Na cadeia! Como um criminoso!

(*Olha para o outro preso com desconfiança*).

O PRESO (*sorrindo*)

Esteja sossegada, que não lho estrago!

O POETA

Deixa de ser tola, rapariga! Vem para aqui muita gente honrada.

ANA

Isso! Agora, ainda por cima, faça-se valente! Na sua idade! O que eu passei esta noite, nem quero que me lembre! Corri tudo. Até à Morgue fui!

O POETA (*horrorizado*)

À Morgue?

ANA

Eu sei lá o que me passou pela cabeça! Cuidei que endoidecia. Fiquei tão desorientada, que nem tinha tino de nada... Deram-lhe ao menos de comer?

O POETA

Ainda não.

ANA

Então há-de estar cheio de fome. Nem jantou...

(*Com rispidez*)

Mas é bem feito, que é para ter emenda, e não se meter onde não é chamado. Dá-me cá vontade nem sei de quê!

(Mudando de tom)

Vou então tratar de lhe arranjar o
almoço...

O POETA

Vê mas é se me tiras daqui.

ANA

Como?

O POETA

Eu sei lá! Fala com alguém. Explica
à polícia. Mas não lhes digas que estou arre-
pendido. Lá isso, não estou.

ANA

Ah, eu bem sei que o senhor nunca se
arrepende! Arranja os sarilhos, e os outros
depois que se abaixem. O senhor fica sem-
pre com a mesma cara. Já da outra vez foi
a mesma história: eu é que tive de andar
pelas portas...

O POETA

Lá estás tu com as lamúrias! Se calhar
querias que ainda lhes fosse pedir desculpa,
não? Desculpa nenhuma! Sou um homem
livre!